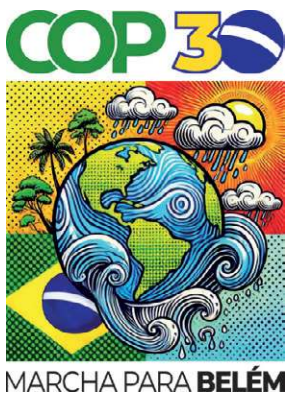


COP30 ganha TOM de "última CHANCE"

Organização Meteorológica Mundial e Copernicus informam: mundo já vive de forma recorrente acima do limite de 1,5°C a mais na temperatura média global definido no Acordo de Paris. Agora é preciso reverter estouro da meta



» ISABELLA ALMEIDA

A COP30 está começando em Belém, capital do Pará, sob novo alerta: 2025 caminha para ser um dos anos mais quentes já registrados na história, e o limite de aumento da temperatura global previsto no Acordo de Paris voltou a ser ultrapassado em outubro. Relatórios recentes da Organização Meteorológica Mundial (OMM) e do Serviço de Mudanças Climáticas Copernicus (C3S), da União Europeia, confirmam a aceleração do aquecimento global e o aumento contínuo das concentrações de gases de efeito estufa, em níveis sem precedentes.

Segundo a OMM, o período entre 2015 e 2025 será o mais quente desde o início dos registros, há 176 anos. Embora 2025 não deva ultrapassar os recordes de 2024, deve ocupar o segundo ou terceiro lugar no ranking histórico. Dados do C3S indicam que a temperatura média global do ar na superfície em outubro de 2025 ficou 1,55°C acima da média pré-industrial, o primeiro mês a superar o limite de 1,5°C desde abril.

Conforme o relatório, a média anual, considerando novembro de 2024 a outubro de 2025, foi 1,5°C acima do nível pré-industrial. Para os especialistas, esse resultado reforça o alerta de que o planeta já vive acima da meta estabelecida pelo Acordo de Paris.

Diretora da OMM, Celeste Saulo reconhece a gravidade da situação, mas destaca que ainda há chances para reverter parte dos impactos. "Essa sequência sem precedentes de altas temperaturas, combinada ao aumento recorde dos níveis de gases de efeito estufa, mostra que será praticamente impossível evitar o estouro temporário do limite de 1,5°C. Ainda assim, é totalmente possível e essencial reduzir as temperaturas até o fim do século."

O secretário-geral da ONU,



Verão europeu foi marcado por calor recorde: imagem mostra praia em Marselha, no sul da França, tomada por fumaça de incêndio em cidade vizinha

Eu acho...

O relatório também demonstrou que tanto a Antártica quanto o Ártico reduziram a sua área de gelo e, além disso, temos o aumento da frequência, intensidade e localização das ondas de calor. Elas provocam um aquecimento muito abrupto e causam a morte da biodiversidade, o branqueamento de corais e de muitas espécies, que não



Conservação Internacional/Rafael Fomer

Nátali Piccolo, diretora de Conservação Marinha e Costeira da CI-Brasil

conseguem se adaptar a esse incremento de temperatura tão rápido. O oceano é o ecossistema que mais balanceia o clima global, porque ele absorve 25% do carbono gerado e 90% do calor excedente.

Outubro de 2025 terminou como o terceiro mais quente do registro instrumental, o que é uma notícia ruim, mas não surpreendente. Já sabemos que não conseguiremos alcançar a meta mais ambiciosa do Acordo de Paris de limitar o aquecimento global a 1,5°C. Agora a esperança recai sobre um cenário em que conseguimos nos manter abaixo de 2°C, com a menor média



Arquivo pessoal

Karina Bruno Lima, doutora em climatologia e divulgadora científica

possível, pois esse pico que atingiremos é muito importante para determinar os impactos que teremos. Também temos que colocar as esperanças em um cenário de ultrapassagem, já que não alcançamos a meta dentro do prazo

António Guterres, reforçou o apelo à ação durante a divulgação do relatório. "Cada ano acima de 1,5°C afetará economias, agravará desigualdades e causará danos irreversíveis. Devemos agir agora, com rapidez e em larga escala, para que o excesso seja breve e seguro, e para que as

temperaturas voltem a cair antes do fim do século."

Ronaldo Christofolletti, membro da Rede de Especialistas em Conservação da Natureza (RECN) e professor do Instituto do Mar da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), frisou que o fato de 2025 não bater

recorde de temperatura não significa que o planeta esfriou. "Continuar entre os três anos mais quentes da história mostra que estamos vivendo uma fase na qual o aquecimento atingiu outro patamar."

Segundo ele, é como ligar um fogão ou um ar-condicionado. "A

temperatura não fica constante, uma hora esquenta um pouco, outra hora esfria, vai ajustando. É isso que acontece entre os anos, um ano é um pouco mais quente, outro mais frio, mas todos os anos nessa avaliação continuam muito mais quentes do que costumavam ser no passado."

Crescimento econômico impulsiona efeito estufa

O novo relatório da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) revelou que o crescimento econômico é o principal fator responsável pelo aumento das emissões mundiais de gases do efeito estufa. Conforme a publicação, feita ontem, o desenvolvimento dos países emergentes, em particular, é um dos agravantes.

"O crescimento econômico é o motor das emissões nos países parceiros da OCDE", afirmou a organização internacional, formada por 38 Estados-membros, no Observatório da Ação Climática de 2025.

Entre os 'países parceiros' estão grandes economias emergentes, como China, Índia e Arábia Saudita, onde a liberação de gases não para de crescer, o que arrasta as emissões do restante do mundo. No entanto, há nações onde

esse tipo de poluição diminui levemente, como Brasil, Indonésia e África do Sul.

Segundo os autores do relatório, a redução das emissões é a chave para combater o aquecimento global. Cada décimo de grau adicional acarreta uma série de perturbações para a biodiversidade, o ciclo da água e os desastres naturais. Nos países parceiros, "o crescimento da população e o forte crescimento econômico pesam mais que os avanços na eficiência energética", explicou a OCDE.

Os economistas da organização calcularam que nos países onde as emissões aumentaram entre 2015 e 2023, o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) foi o responsável por um acréscimo de 29,5% na liberação de gases do efeito estufa. A OCDE apontou

Raimundo Paccó/Esp.CB/D.A Press



Protesto há 2 anos contra a exploração de petróleo na foz do Amazonas

ainda para "um ressurgimento da energia térmica a partir do carvão", apesar da "presença recorde de energias renováveis".

Já os países da OCDE, com economias industrializadas há mais tempo (e onde o crescimento foi feito à base de muita poluição, é preciso ressaltar), reduziram as emissões, melhorando a eficiência energética e recorrendo a fontes mais limpas, ao mesmo tempo que continuavam seu crescimento econômico e demográfico. Segundo o relatório, entre 2015 e 2023, a liberação de gases do efeito estufa nas nações mais desenvolvidas diminuiu 11,3%.

Segundo Nicole Figueiredo de Oliveira, diretora-executiva do Instituto Internacional Arayara, o relatório da OCDE confirma uma realidade que o Instituto denuncia há anos. "O crescimento

econômico baseado na queima de combustíveis fósseis está nos levando a um colapso climático. Países emergentes, como o Brasil, a Índia e a China, não podem repetir o modelo de desenvolvimento poluente das economias industrializadas. É urgente romper a falsa dicotomia entre crescimento e sustentabilidade."

A especialista detalhou que, no caso brasileiro, ainda que as emissões tenham recuado ligeiramente, as emissões do setor de energia cresceram, uma vez que o país insiste em expandir a fronteira fóssil — da Amazônia Equatorial ao Rio Grande do Sul — por meio de novas licitações de petróleo e gás. "Essa contradição mina a credibilidade do Brasil como anfitrião da COP30 e como líder potencial da transição energética global." (IA)